



Leitores de mapas

Dois séculos
de história
da cartografia
em Portugal

BNP
BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL



Centro de História de Além-Mar
CHAM
Universidade Nova de Lisboa
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade das Ações

Leitores de mapas

DOIS SÉCULOS DE HISTÓRIA DA
CARTOGRAFIA EM PORTUGAL

Francisco Roque de Oliveira
(COORDENAÇÃO)

André Ferrand de Almeida
António Costa Canas
Carlos Manuel Valentim
Daniel Estudante Protásio
Francisco Contente Domingues
Francisco Roque de Oliveira
Joaquim Alves Gaspar
José Manuel Azevedo e Silva
José Manuel Garcia
Maria Manuel Ferraz Torrão
Miguel Rodrigues Lourenço
Paula Cristina Cunha Santos
Zoltán Biedermann
(TEXTOS)

BNP BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL



Centro de História de Além-Mar
CHAM
Universidade Nova de Lisboa
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade dos Açores

Lisboa 2012

Leitores de mapas:

dois séculos de história da cartografia em Portugal

COORDENADOR

Francisco Roque de Oliveira

AUTORES

Francisco Roque de Oliveira, Daniel Estudante Protásio, José Manuel Garcia, António Costa Canas, José Manuel Azevedo e Silva, André Ferrand de Almeida, Zoltán Biedermann, Maria Manuel Ferraz Torráo, Paula Cristina Cunha Santos, Miguel Rodrigues Lourenço, Joaquim Alves Gaspar, Francisco Contente Domingues e Carlos Manuel Valentim

EDITORES

Biblioteca Nacional de Portugal | Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa | Centro de História de Além-Mar da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade dos Açores

CAPA

Fot. Duarte Belo – Pormenor de: [Carta do Atlântico Norte] / Atribuída a Lopo Homem [ca 1550].

DESIGN

TVM Designers

PRÉ-IMPRESSÃO

Área de Gestão Editorial BNP

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Sersilito-Empresa Gráfica, Lda.
Agosto 2012

© Autores, Biblioteca Nacional de Portugal, Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa e Centro de História de Além-Mar da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade dos Açores

DEPÓSITO LEGAL

347441/12

TIRAGEM

750 exemplares

EXPOSIÇÃO

Maquetagem e Montagem
Serviço de Actividades Culturais

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

Leitores de mapas : dois séculos de história da cartografia em Portugal / coord. Francisco Roque de Oliveira. Lisboa : Biblioteca Nacional de Portugal : Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa : Centro de História de Além-Mar da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade dos Açores, 2012. – 191 p. ISBN 978-972-565-481-1

1 – OLIVEIRA, Francisco Roque de

CDU 528



Agradecimentos

Este livro foi concebido para acompanhar a exposição homónima que estará patente na Biblioteca Nacional de Portugal entre setembro e outubro de 2012, realizada no âmbito do IV Simpósio Ibero-Americano de História da Cartografia, organizado pelo Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, em colaboração com o Centro de História de Além-Mar da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores e a própria Biblioteca Nacional de Portugal. Um primeiro agradecimento é devido aos autores dos textos que o integram, pela prontidão com que aceitaram o desafio de escreverem esta série de estudos inéditos e o esforço que fizeram para os completar dentro dos exigentes prazos impostos pela realização do Simpósio: André Ferrand de Almeida, António Costa Canas, Carlos Manuel Valentim, Daniel Estudante Protásio, Francisco Contente Domingues, Joaquim Alves Gaspar, José Manuel Azevedo e Silva, José Manuel Garcia, Maria Manuel Ferraz Torráo, Miguel Rodrigues Lourenço, Paula Cristina Cunha Santos e Zoltán Biedermann. Agradecemos a Teresa Barata Salgueiro, no Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa, e a João Paulo Oliveira e Costa, no Centro de História de Além-Mar, o empenho que as respetivas direções colocaram na cedência dos apoios que tornaram possível esta edição. O mesmo agradecimento é extensível a Maria Inês Cordeiro, na direção da Biblioteca Nacional de Portugal, e a Maria Joaquina Feijão, na Área de Cartografia da mesma instituição, que acolheram e acompanharam o desenvolvimento deste projeto, assim como aos nossos colegas Herculano Cachinho e Maria Helena Esteves, do núcleo de investigação em História e Ensino da Geografia e da Cartografia do Centro de Estudos Geográficos. Estamos gratos à Biblioteca Central da Marinha, na pessoa do seu diretor CMG M António H. Maló Rocha de Freitas, pela cedência de imagens pertencentes ao respetivo Arquivo Histórico. A cuidada preparação editorial devemos-la à equipa do Serviço de Atividades Culturais da Biblioteca Nacional de Portugal.

FRANCISCO ROQUE DE OLIVEIRA

Lisboa, julho de 2012

Dois séculos de história da cartografia em Portugal

FRANCISCO ROQUE DE OLIVEIRA 11

António Ribeiro dos Santos (1745-1818)

FRANCISCO ROQUE DE OLIVEIRA 27

2.º visconde de Santarém (1791-1856)

DANIEL ESTUDANTE PROTÁSIO 43

Francisco de Sousa Viterbo (1845-1910)

JOSÉ MANUEL GARCIA 57

Ernesto de Vasconcelos (1852-1930)

ANTÓNIO COSTA CANAS 69

Joaquim Bensaúde (1859-1952)

JOSÉ MANUEL AZEVEDO E SILVA 81

Luciano Pereira da Silva (1864-1926)

ANDRÉ FERRAND DE ALMEIDA 91

Duarte Leite (1864-1950)

ZOLTÁN BIEDERMANN 99

Abel Fontoura da Costa (1869-1940)

ZOLTÁN BIEDERMANN 105

Carlos Viegas de Gago Coutinho (1869-1959)

MARIA MANUEL FERRAZ TORRÃO; PAULA CRISTINA CUNHA SANTOS 113

Jaime Cortesão (1884-1960)

FRANCISCO ROQUE DE OLIVEIRA 125

Armando Cortesão (1891-1976)

MIGUEL RODRIGUES LOURENÇO

137

António Barbosa (1892-1946)

JOAQUIM ALVES GASPAR

151

Luís de Albuquerque (1917-1992)

FRANCISCO CONTENTE DOMINGUES

165

Avelino Teixeira da Mota (1920-1982)

CARLOS MANUEL VALENTIM

175

Notas biográficas dos autores

187



Jaime Cortesão
1884-1960

[BNP, ACPC E2-25, cx.71]

Jaime Cortesão 1884-1960

FRANCISCO ROQUE DE OLIVEIRA

Centro de Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa

«Eu prepararei a flecha e depois passá-la-ei a outras mãos válidas e moças, para que elas desfechem o tiro, para que possam acertar no alvo, que eu depois não posso atingir»

Jaime Cortesão – *Curso de História da Cartografia*. Rio de Janeiro, 1944

Poeta e ficcionista, dramaturgo e escritor de viagens, memorialista da I Guerra Mundial e crítico literário, político e pedagogo, Jaime Cortesão é também o médico por formação que ao longo de mais de cinquenta anos de vida científica, cultural e cívica – a maioria dos quais passados em sucessivos exílios na Europa e no Brasil – se veio a afirmar como um dos mais importantes historiadores portugueses do século XX e um nome central nos estudos sobre a história da cartografia portuguesa.

Jaime Zuzarte Cortesão nasceu em Ançã, aldeia nas proximidades de Coimbra, a 29 de abril de 1884, filho de Norberta Cândida Zuzarte e do médico e filólogo António Augusto da Silva Cortesão. Viveu boa parte da infância em São João do Campo, localidade também próxima de Coimbra, e realizou os estudos secundários nesta cidade. Terminado o liceu, começou por frequentar os cursos de Filologia Clássica e de Direito na Universidade de Coimbra. Pensou ainda seguir Belas-Artes, mas acabou por escolher cursar Medicina. Depois de se matricular na Faculdade de Medicina de Coimbra, transferiu-se, em 1905, para a Escola Médico-Cirúrgica do Porto, onde depressa se envolveu na militância estudantil e em alguns dos mais destacados grupos intelectuais precursores da República.

Interveniente ativo na greve académica que enfrentou o governo ditatorial de João Franco e conduziu ao encerramento de todos os estabelecimentos de ensino superior do país em abril de 1907 (XAVIER, 1962:

102-103; RAMOS, 1994: 280-281), nesse mesmo ano Cortesão foi um dos fundadores da *Nova Silva*, revista de tendência anarquista que anunciou publicações como a *Águia* e *A Vida Portuguesa* e foi embrião do movimento cultural «Renascença Portuguesa», constituído em 1912 e do qual veio a ser o principal animador. Entretanto, aderira ao Partido Republicano Português (Partido Democrático) (1908), concluíra em Lisboa a sua licenciatura com uma dissertação intitulada *A arte e a medicina* (Antero de Quental e Sousa Martins) (1910) e conhecera a sua primeira experiência da prisão política, no contexto que antecedeu o triunfo da revolução republicana de 5 de Outubro de 1910 (LOPES, [1962]: 8-9; SARAIVA; LOPES, 1979: 1019, 1021, 1023; GARCIA, 1987: 5-7; SANTOS, 1998: 202-206). Publicara também o seu primeiro livro de versos – o «poema heróico em sete cantos» de estética novi-romântica *A Morte da Águia* (1910), o qual, junto com os seguintes volumes de poemas *Esta História é para os Anjos* e *A Sinfonia da Tarde* (1912), lhe valerá ser designado por um Fernando Pessoa ainda inédito como «o primeiro dos poetas da novíssima geração» (PESSOA, 1960 [1913]: [10]; FERREIRA, 1960: [16]; LOPES, [1962]: 20-21).

Depois de exercer brevemente a atividade clínica em São João do Campo, junto do pai, de ver fracassada a sua eleição como deputado às Constituintes pelo círculo de Coimbra e de ter sido iniciado na loja maçónica Redenção, de Coimbra, Jaime Cortesão instala-se no Porto em 1912, sendo nomeado professor provisório de História e Literatura no Liceu Rodrigues de Freitas. A par da docência e de uma crescente produção literária como poeta, dramaturgo e contista, empenha-se na direção da «Renascença Portuguesa», entre cujas iniciativas decorre a criação das Universidades Populares, onde ministrará cursos dedicados à História de Portugal e à vida e obra de Camilo Castelo Branco. Ainda no âmbito da ação deste movimento, dirigirá, em parceria com Alfredo Coelho de Magalhães, a coleção de autores clássicos «Biblioteca Lusitana». Entretanto, o eclodir da guerra na Europa fá-lo-á empenhar-se na entrada de Portugal no conflito, ao lado da Grã-Bretanha, em sintonia com a linha intervencionista de que era partidária a elite intelectual e artística da I República (MENESES, 2009: 267-271).

Participante na Junta Revolucionária do Porto, que combateu e derrotou a ditadura do general Pimenta de Castro em 14 de maio de 1915, Cortesão será eleito em junho desse ano deputado pelo grupo parlamentar do Partido Democrático, redobrando em Lisboa a sua ação propagandística em favor da intervenção do país na Guerra de 1914-18 que começara no ano anterior no Porto, quando assumira a direção do diário democrático *O Norte*. Em agosto de 1917, seguiu para a Flandres como médico miliciano voluntário do Corpo Expedicionário Português, abdicando da imunidade que lhe era oferecida pelo estatuto de parlamentar. Ferido e gaseado em março do ano seguinte, é-lhe atribuída a Cruz de Guerra. Ao regressar a Portugal, e quando ainda convalescia, foi preso em Coimbra durante cerca de três meses pelo governo ditatorial de Sidónio Pais por se opor publicamente à decisão que determinava que não se enviassem mais tropas portuguesas para a frente de batalha. Relatará a sua experiência na Flandres no livro *Memórias da Grande Guerra* (1919), um dos mais impressionantes registos escritos do conflito e que, tal como a maioria dos principais livros de memórias dos combatentes, foi editado pela Renascença Portuguesa (SERRÃO, 1961: 1-3; LOPES, [1962]: 49-54; SARAIVA; LOPES, 1979: 1021-1022; GARCIA, 1987: 7-10; SANTOS, 1998: 217-222; TRAVESSA, 2004: 74-92).

Com o termo do consulado de Sidónio Pais e a derrota da tentativa de restauração monárquica protagonizada pelas Juntas Militares, em janeiro de 1919, que Jaime Cortesão combateu fardado de capitão-médico, foi recompensado pelo governo republicano com a direção da Biblioteca Nacional de Lisboa. Em íntima colaboração com o bibliotecário Raul Proença, partirá da experiência e do círculo de amigos forjado na «Renascença Portuguesa» para lançar, em 1921, o programa político e cultural da revista *Seara Nova*, que ambiciona tutelar ideologicamente a República (MAGALHÃES, 1985: 37-38; RAMOS, 1994: 547-551; TRAVESSA, 2004: 129-157). A partir desta instituição, promove também a edição da segunda série dos *Anais das Bibliotecas e Arquivos* (1920) e da revista de estudos histórico-etnográficos *Lusitânia* (1924-27), cuja direção cabe à filóloga Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Na obra de Cortesão, o período que agora se iniciava ficaria também marcado pela realização dos seus primeiros trabalhos historiográficos, dedicados à expedição de Pedro Álvares Cabral e

desencadeados no âmbito da colaboração que prestou à *História da Colonização Portuguesa do Brasil* (Porto, 1912-1924), edição coordenada por Carlos Malheiro Dias e primeira das quatro grandes obras coletivas sobre a História de Portugal nas quais Cortesão colaborou até 1940, ano em que se exila no Rio de Janeiro (SERRÃO, 1961: 4-5; GARCIA, 1987: 10-14).

Na sequência da sua participação no frustrado movimento revolucionário de 3-7 de fevereiro de 1927, que tentou derrubar a ditadura militar instaurada em 28 de maio de 1926, Jaime Cortesão foi afastado compulsivamente do cargo de diretor da Biblioteca Nacional. Até junho de 1940, viveu exilado em Espanha e em França, realizando amplas investigações sobre fontes arquivísticas em Madrid, Sevilha e Paris. Estas serão aproveitadas para rever parte das contribuições de Joaquim Bensaúde e Luciano Pereira da Silva sobre a ciência náutica e cartográfica portuguesa (MOTA, 1961: 48-53; LOPES, 1985: 21-27). O livro *L'Expansion des Portugais dans l'Histoire de la Civilisation*, publicado em 1930 por ocasião da Exposição Internacional de Antuérpia, inclui já uma extensa síntese sobre qualquer destas matérias (Cf. CORTESÃO, 1983 [1930]: 43-74; MOTA, 1961: 50-51). O inquérito alarga-se no capítulo intitulado «Influência dos Descobrimentos portugueses na história da civilização», que Cortesão redigiu para o volume IV da *História de Portugal* dirigida por Damião Peres (1932), assim como nas páginas que preparou nessa altura para o volume V da mesma obra, mas que seriam apenas editadas postumamente (CORTESÃO, 1993 [1932-1933]).

Em junho de 1932, Cortesão participa ao lado de historiadores e especialistas em cartografia como Charles de La Roncière, Duarte Leite, Albert Kammerer e Georges Le Gentil numa reunião convocada por Marcel Destombes para a Bibliothèque nationale de Paris com o propósito de esclarecer a autoria do *Atlas Miller* e a sua relação com o mapa-mundo de Lopo Homem de 1519 (CORTESÃO; MOTA, 1987 [1960]: I, 56, n. 2). No mesmo ano, revela a existência da única cópia conhecida do *Tratado da Sphaera, por perguntas e respostas a modo de dialogo*, que descobrira na Biblioteca Nacional de Madrid e que atribui a D. João de Castro (CORTESÃO, 1932: 184, 204-205, 235. Cf. DAVEAU, 1995: 35-52). A sua presença na Espanha republicana será também tempo para intensa atividade política entre os republicanos portugueses exilados, tendo negociado com o governo de Madrid apoios

para concretizar o derrube da ditadura em Portugal. Residente em Barcelona no momento em que Franco lança a sua grande ofensiva sobre a Catalunha, Cortesão junta-se à coluna de refugiados que atravessa os Pirenéus em janeiro de 1939. Perante a iminência da ocupação total do território francês pelas tropas alemãs, regressa a Portugal no ano seguinte. Preso à chegada à fronteira portuguesa, é mantido sob prisão política até outubro desse ano, quando o governo de Salazar decreta o seu banimento para o Brasil (GARCIA, 1987: 11-15; SANTOS, 1993: 181-193; FARINHA, 2010: 49-53; OLIVEIRA, 2010A: 2-3).

Este novo período de exílio de Jaime Cortesão prolongar-se-á por cerca de dezassete anos e ficará marcado pela realização da mais volumosa parcela dos seus estudos historiográficos, dominada pelas temáticas relativas ao Brasil colonial, que desenvolve parte das linhas de pesquisa encetadas na década de 1920. Rapidamente integrado na vida intelectual brasileira, Cortesão torna-se colaborador assíduo dos periódicos cariocas *A Manhã*, *Diário de Notícias* e *Jornal do Comércio*, assim como de *O Estado de São Paulo*, jornal em cujas páginas publica cerca de duzentos e trinta artigos entre 1943 e 1960 e onde, à semelhança da generalidade dos exilados políticos portugueses, conta com o amparo prestado pelo seu proprietário, o influente Júlio de Mesquita Filho (LEONZO, 1997: 37; GALVÃO, 2002: 26). Em 1943, Cortesão inicia-se como diretor literário da importante «Coleção Clássicos e Contemporâneos» da editora Livros de Portugal, do Rio de Janeiro, onde editará dezanove títulos ao longo dos anos seguintes, o primeiro dos quais *A Carta de Pero Vaz de Caminha*, em edição anotada pelo próprio e ilustrada com um desenho de capa de Maria Helena Vieira da Silva.

Pela mesma altura, começa a colaborar regularmente com a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e com o Ministério das Relações Exteriores do Brasil. Em 1942, o ministro das Relações Exteriores Oswaldo Aranha convida-o para participar na realização de um *Atlas Histórico do Brasil*, cujo plano Cortesão em boa parte terá idealizado, mas que acabaria por não ser levado à prática (MOSER, 2000: 242-243; OLIVEIRA, 2010B: 77-78). Em 1944, vê formalizado o seu vínculo com o mesmo Ministério, passando a assessorar a Mapoteca do Itamaraty nos domínios da catalogação, restauro

e tratamento documental das peças cartográficas e iconográficas existentes à guarda desta instituição, bem como na aquisição de originais ou cópias de mapas pertencentes a outras bibliotecas e mapotecas do país e do estrangeiro, sempre que importassem para o esclarecimento das questões relativas aos limites do Brasil. Paralelamente, é incumbido da preparação de uma série de cursos sobre história da cartografia política brasileira destinados aos funcionários do Ministério. A iniciativa integrava-se num plano mais vasto, que incluía um ciclo de aulas sobre Prática e Legislação Consular e um projeto de cursos de Arquivologia e Biblioteconomia aplicadas ao Ministério. Com este plano, a Secretaria de Estado testava a possibilidade pedagógica do Itamaraty poder funcionar como ambiente universitário. Mas acima de tudo, os cursos de Cortesão constituíram o primeiro programa formal de história da cartografia com propósitos didáticos ministrado no século XX (ADONIAS, 1984: IX-X; MOSER, 2000: 238, 242-243, 252-255; MOSER, 2005: 70-74; OLIVEIRA, 2010b: 79-80).

Intitulado «Curso de História da Cartografia, Geografia das Fronteiras do Brasil e Mapoteconomia», o primeiro dos cursos atribuídos a Jaime Cortesão decorreu ainda em 1944 e correspondeu à primeira abordagem sistemática à matéria da documentação cartográfica antiga do Brasil, estudando-se as características materiais e a história dos mapas, assim como a sua utilidade para o esclarecimento do complexo processo de construção territorial do país. Entre 1945 e 1950, ano em que Cortesão concluiu a sétima e última apresentação destas lições, as aulas passaram a ser dadas no recém-fundado Instituto Rio Branco, organismo destinado a preparar candidatos para o ingresso na carreira diplomática. Apresentado como «História da Cartografia Política do Brasil» em 1945, a partir de 1946 o curso adquire a designação definitiva de «História da Formação Territorial do Brasil» e o seu conteúdo é centrado no estudo dos mapas produzidos durante o processo político-diplomático que culminou na assinatura do Tratado de Madrid, em 1750 (ADONIAS, 1984: XIII-XIV; OLIVEIRA, 2010b: 77-93; OLIVEIRA, 2010c: 231-233).

Parte significativa da obra historiográfica escrita por Cortesão durante os anos em que viveu no Brasil teve a sua génese na pesquisa efetuada para preparar esta série de cursos de «geografia superior» encomendada

pelo Ministério das Relações Exteriores. O primeiro testemunho deste processo acontece com a publicação de *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid* (1952-1961, 9 vol.), patrocinada pelo Itamaraty. Outro tanto sucedeu com *Raposo Tavares e a Formação Territorial do Brasil*, obra publicada pelo Ministério da Educação e Cultura brasileiro, em 1958, e segundas das grandes sínteses em que Cortesão ensaiou recriar as bases geopolíticas da formação do Brasil.

Entre os estudos que Cortesão expressamente dedicou aos temas de cartografia durante a sua permanência no Brasil destacam-se os artigos «A cartografia antiga e os fundamentos pré-históricos da nação brasileira» (1944), «Mapa-múndi português, chamado de Cantino» (1945), «A cartografia do açúcar e o seu significado histórico» (1945), «Renascimento das ciências geográficas e cartográficas» (1952), «Cartografia antiga e geopolítica de Goiás» (1952) e «Um novo mapa histórico de S. Vicente e S. Paulo» (1957). Outros estudos e indicações parcelares sobre as mesmas matérias encontram-se dispersos pela série de artigos intitulada *Introdução à História das Bandeiras* que publicou no diário *O Estado de São Paulo* entre 1947 e 1949, assim como em títulos tão diversos como *Cabral e as origens do Brasil: ensaio de topografia histórica* (1944), *Os portugueses no descobrimento dos Estados Unidos* (1949), *A fundação de São Paulo – capital geográfica do Brasil* (1955) e a coleção documental *Pauliceae Lusitana Monumenta Historica* (1956-1960, 3 vol.). Estas duas últimas obras foram escritas no contexto da realização da Exposição Histórica de São Paulo, cuja organização Cortesão coordenou e que foi parte integrante das comemorações do IV Centenário da fundação da cidade de São Paulo. A preparação desta exposição facultou-lhe a oportunidade de visitar Portugal todos os anos a partir de 1952, onde entrou com passaporte diplomático brasileiro e realizou demoradas pesquisas de arquivo sobre cartografia histórica.

Jaime Cortesão resumiria no livro semipóstumo *História do Brasil nos velhos mapas* todo o inquérito que realizou a partir dos fundos do Itamaraty, da Biblioteca Nacional do Rio e de bibliotecas e arquivos não brasileiros tendo em vista as suas lições sobre mapas e fronteiras. O primeiro volume desta obra seria editado com a chancela do Ministério das Relações Exteriores do Brasil em 1957. Esse é também o ano em que

Cortesão regressa definitivamente a Portugal, onde – entre a direção da Sociedade Portuguesa de Escritores, uma quarta e vexante ordem de prisão por motivos políticos e um ensaio de candidatura à presidência da República conduzido pela oposição agregada em torno do Diretório Democrato-Social – se concentrará na redação de *Os Descobrimentos Portugueses*, sistematização dos seus estudos que deixou inacabada (GARCIA, 1987: 17-18; SANTOS, 1993: 199-211; SOARES, 2011: 79-83). A edição da *História do Brasil nos velhos mapas* seria supervisionada por Isa Adonias, primeira discípula de Cortesão no Itamaraty, e concluída uma década depois da morte do seu autor, ocorrida em Lisboa a 14 de agosto de 1960. Do mesmo legado beneficiarão largamente o seu irmão Armando Cortesão e Avelino Teixeira da Mota, quando inserirem nos diversos volumes dos *Portugaliae Monumenta Cartographica*, que editam entre 1960 e 1962 no quadro das comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, boa parte das interpretações que Jaime Cortesão concebera relativas à cartografia do Brasil.

BIBLIOGRAFIA

- ADONIAS, Isa (1984) – *Jaime Cortesão e os seus mapas: instrumentos didáticos para a história da cartografia do Brasil*. Rio de Janeiro: [Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro].
- CORTESÃO, Armando; MOTA, Avelino Teixeira da, ed. (1987 [1960]) – *Portugaliae Monumenta Cartographica*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, vol. 1.
- CORTESÃO, Jaime (1932) – «Influência dos Descobrimentos dos portugueses na história da civilização». In *História de Portugal*. Dir. Damião Peres. Barcelos: Portucalense Editora, vol. 4, 179-240.
- CORTESÃO, Jaime (1983 [1930]) – *L'Expansion des Portugais dans l'Histoire de la Civilisation*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

CORTESÃO, Jaime (1993 [1932-1933]) – *Influência dos Descobrimentos portugueses na história da civilização*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

DAVEAU, Suzanne (1995) – «Qui est l'auteur du Tratado da Esfera attribué à Dom João de Castro?», *Mare Liberum*, 10, 33-54.

FARINHA, Luís (2010) – «O Revirinho contra a Ditadura Militar: o 3-7 de Fevereiro de 1927 (Porto e Lisboa) e os levantamentos armados de 1928-31». In Manuel Loff; Teresa Siza, coord. – *Resistência: da alternativa republicana à luta contra a Ditadura (1891-1974)*. [Lisboa]: Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República, 49-61.

FERREIRA, David Mourão (1960) – «Prefácio». In Jaime Cortesão – *Poesias escolhidas*. Prefácio e selecção de David Mourão-Ferreira. Lisboa: Editora Arcádia, [15]-[20].

GALVÃO, Walnice Nogueira (2002) – «O congresso internacional de escritores de 1954: a chegada de Adolfo Casais Monteiro». In Fernando Lemos; Rui Moreira Leite, org. – *A missão portuguesa: rotas entrecruzadas*. São Paulo: Fundação da Editora ENESP (FEU): Editora da Universidade do Sagrado Coração (EDUSC), 23-26.

GARCIA, José Manuel (1987) – *O essencial sobre Jaime Cortesão*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

LEONZO, Nanci (1997) – «Jaime Cortesão: um condestável em terras brasileiras». *Revista da Cátedra Jaime Cortesão*, 1, 1, 35-43.

LOPES, Óscar (1985) – *Jaime Cortesão (1884-1960)*. Lisboa: Biblioteca Nacional.

LOPES, Óscar, coord. [1962] – *Jaime Cortesão*. Lisboa: Editora Arcádia.

MAGALHÃES, Joaquim Romero (1985) – «No trilho de uma ambição: o poeta-historiador Jaime Cortesão (1910-1927)», *Cadernos da Revista de História Económica e Social – Cidadania e História em Homenagem a Jaime Cortesão*, 6-7, 27-48.

MENESES, Filipe Ribeiro de (2009) – «Intervencionistas e anti-intervencionistas». In Fernando Rosas; Maria Fernanda Rollo, coord. – *História da Primeira República Portuguesa*. Lisboa: Tinta da China, 267-276.

MOSER, Robert H. (2000) – «O contributo de Jaime Cortesão para a história da cartografia do Brasil», *Revista da Biblioteca Nacional*, 6, 237-262.

MOSER, Robert H. (2005) – «The History of Cartography in Brazil in the 1940s: Jaime de Cortesão's Lecture Courses», *Imago Mundi: The International Journal for the History of Cartography*, 57: 1, 70-74.

MOTA, Avelino Teixeira da (1961) – *Jaime Cortesão, historiador da expansão portuguesa*. Lisboa: Tipografia Editorial Império. Separata da revista *Ocidente*, 61.

OLIVEIRA, Francisco Roque de (2010a) – «História da cartografia brasileira e mapeamento segundo Jaime Cortesão: o curso do Itamaraty de 1944». [Em linha] 3.º Simpósio Iberoamericano de História da Cartografia: Agendas para História da Cartografia Iberoamericana, São Paulo, abril de 2010 – *Memórias do evento*. São Paulo: Universidade de São Paulo. Disponível em <<http://3siahc.files.wordpress.com/2010/04/francisco-roque3siahc-2010.pdf>> Data de consulta: 10 de Junho de 2012.

OLIVEIRA, Francisco Roque de (2010b) – «Jaime Cortesão, cartógrafo no Brasil. Génese e conteúdo dos cursos de História da Cartografia e da Formação Territorial Brasileira lecionados no Itamaraty (1944-1950)». In Francisco Roque de Oliveira; Héctor Mendoza Vargas, coord. – *Mapas de metade do mundo. A cartografia e a construção territorial dos espaços americanos*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa; Ciudad de México: Instituto de Geografía, Universidad Nacional Autónoma de México, 69-106.

OLIVEIRA, Francisco Roque de (2010c) – «Método geográfico, cartografia e geopolítica: a propósito da reedição da *História do Brasil nos velhos mapas* de Jaime Cortesão», *Anais de História de Além-Mar*, 11, 225-246.

PESSOA, Fernando (1960 [1913]) – «Carta de Fernando Pessoa a Jaime Cortesão, 22.I.1913». In Jaime Cortesão – *Poesias escolhidas*. Prefácio e seleção de David Mourão-Ferreira. Lisboa: Editora Arcádia, [9]-[14].

RAMOS, Rui (1994) – *História de Portugal*. Dir. de José Mattoso. Vol. 6. *A Segunda Fundação (1890-1926)*. [Lisboa]: Círculo de Leitores.

SANTOS, Alfredo Ribeiro dos (1993) – *Jaime Cortesão – Um dos grandes de Portugal*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida.

SANTOS, João Marinho dos (1998) – «Notas para o (re)conhecimento de Jaime Cortesão». In *Estudos sobre os descobrimentos e a expansão portuguesa*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 195-223.

SARAIVA, António José; LOPES, Óscar (1979) – *História da literatura portuguesa*. 11.ª edição. Porto: Porto Editora.

SERRÃO, Joel (1961) – *Dr. Jaime Cortesão*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos. Separata da revista *Studia*, 7.

SOARES, Mário (2011) – *Um político assume-se. Ensaio autobiográfico, político e ideológico*. [Lisboa]: Círculo de Leitores: Temas e Debates.

TRAVESSA, Elisa Neves (2004) – *Jaime Cortesão – Política, história e cidadania (1884-1940)*. Porto: Edições ASA.

XAVIER, Alberto (1962) – *História da Greve Académica de 1907*. Coimbra: Coimbra Editora.